

# REMEMORAÇÃO, RESISTÊNCIA E A TRADIÇÃO DOS OPRIMIDOS<sup>1</sup>

Jessica Aparecida Correa<sup>2</sup>

**Resumo:** Para rememorar a luta indígena e reconhecer a sua vivacidade, o texto tem como fonte de inspiração a provocação e o desafio de intelectuais indígenas em refutar a concepção que carregamos de “humanidade”. A intenção é a valorização desses saberes na luta contra a sociabilidade capitalista, a crítica embasa-se na problematização da sociedade das mercadorias e da valorização do capital. O significado mais amplo da confluência desses saberes é a denúncia da perda da essência humana da qual vivemos, esse “abismo profundo” de matança e destruição é a concreta e visível impotência do ser social diante de si mesmo e de sua inumanidade como expressão real.

**Palavras-chave:** Rememoração; Resistência Indígena; Humanidade; Capitalismo; Mercadoria.

## REMEMBRANCE, RESISTANCE, AND THE TRADITION OF THE OPPRESSED

**Abstract:** To recall the indigenous struggle and acknowledge its vibrancy, the text draws inspiration from the challenge posed by indigenous intellectuals to refute the conception we hold of "humanity." The intention is to valorize these knowledges in the fight against capitalist sociability. The critique is grounded in problematizing the society of commodities and the valorization of capital. The broader significance of the convergence of these knowledges is the denunciation of the loss of the human essence in which we live; this "deep abyss" of slaughter and destruction is the concrete and visible impotence of the social being in the face of itself and its inhumanity as a real expression.

**Keywords:** Remembrance; Indigenous Resistance; Humanity; Capitalism; Commodity.

## PALAVRAS INICIAIS

Para abrir o texto dedico essas palavras à todas guerreiras e guerreiros indígenas que lutam incessantemente pelas suas vidas e, por vezes batalham a vida toda, mas a mão do massacre acena e anuncia o fim. Tombaram Dona Damiana e ela em vida não pode ver seu território (tekoha) demarcado. Mas,

---

<sup>1</sup> O texto ora apresentado é um desdobramento da participação da autora nos Seminários Nacionais do Grupo de Estudos do Capital (GECA/USP). Os seminários aconteceram em Poços de Caldas/MG no ano de 2022 no IFSul de Minas e, em Vitória da Conquista/BA em 2023 na UESB, portanto, representam reflexões em processo de amadurecimento no contexto de desenvolvimento de pesquisa de tese de doutorado. Muito obrigada.

<sup>2</sup> Doutoranda em Geografia pela UNESP/ Rio Claro (SP). Email: [ja.correa@unesp.br](mailto:ja.correa@unesp.br)

não tombaram a sua história, a sua memória e os seus ensinamentos. O vigor da sua resistência, faz brotar a força do chão banhado a sangue e que apesar disso, não deixa de fertilizar o amanhã. A despedida de tantas e tantos sábios dói e insiste em sangrar. Mas, com a imagem da Dona Damiana Cavanha (1939-2023), seguimos a caminhada sabendo que o grito de liberdade da natureza é a súplica final do capital.

Foto 1. Dona Damiana Cavanha - Liderança Guarani Kaiowá da Terra Indígena Apyko'í (Dourados/MS).



Fonte: Brasil de Fato/Ruy Sposati/Conselho Indigenista Missionário. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/10/quem-foi-damiana-cavanha-lider-guarani-kaiowa-que-desafiou-o-avanco-do-monocultivo-de-cana-e-a-inercia-do-estado>. Acesso: 01 abr. 2023.

## A HUMANIDADE QUE ACREDITAMOS SER (?).

O intelectual indígena Ailton Krenak (2020), nos provoca a reflexão sobre a hecatombe que aconteceria conosco ao questionarmos profundamente a padronização da concepção de “humanidade” que acreditamos ser. Isso equivaleria a sensação de estarmos caindo num abismo, em que o condicionamento dessa representação de “humanidade” é a expressão caduca do que imaginamos e somos.

Viver a desestabilização coletiva do padrão de ideia de humanidade que acreditamos ser e ao mesmo tempo deparar com esse abismo profundo de matança e destruição, eis o lastro da sociedade das mercadorias. À essa práxis devastadora da vida humana, o intelectual chama de Antropoceno: a experiência comum de uma convenção e convencimento da concepção de uma

ideia fixa da prevalência de certa “humanidade” no Planeta Terra. Nas palavras de Ailton Krenak (2020):

O Antropoceno tem um sentido incisivo sobre a nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia fixa de paisagem da Terra e da humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno. Essa configuração mental é mais do que uma ideologia, é uma construção do imaginário coletivo – várias gerações se sucedendo, camadas de desejos, projeções, visões, períodos inteiros de ciclo de vida dos nossos ancestrais que herdamos e fomos burilando, retocando, até chegar à imagem com o qual nos sentimos identificados (p.58-59).

Essa prevalência fixa e a concepção dominante de conceber a natureza como um ser subserviente incondicionalmente é a derradeira tara da sociedade das mercadorias em forjar seu *continuum* massacre. Nos saberes de muitos intelectuais e anciões indígenas, para a sociedade das mercadorias reconhecer a “queda do céu” ou “o fim do mundo” que a sua ensurdecadora ignorância faz jorrar, significa encarar de frente a alienação capitalista que proclama o sucesso do progresso e a dominação do que é entendido por Natureza. Nas palavras do xamã Davi Kopenawa<sup>3</sup> (2015):

O que eles chamam de natureza é, na nossa língua antiga, *Urihi* a a terra-floresta, e também sua imagem, visível apenas para os xamãs, que nomeamos *Urihinari*, o espírito da floresta. É graças a ela que as árvores estão vivas. Assim, o que chamamos de espírito da floresta são as inumeráveis imagens das árvores, as das folhas que são seus cabelos e as dos cipós. São também as dos animais e dos peixes, das abelhas, dos jabutis, dos lagartos, das minhocas e até mesmo dos grandes caracóis *warama aka*. A imagem do valor de fertilidade *ně roperi* da floresta também é o que os brancos chamam de natureza. Foi criada com ela e lhe dá a sua riqueza. De modo que para nós, os espíritos *xapiri* são os verdadeiros donos da natureza, e não os humanos. (...) Mas os brancos não os conhecem, derrubam e queimam todas as árvores da mata para alimentar seu gado. Estragam o leito dos rios e escavam os morros para procurar ouro. Explodem as grandes pedras que ficam no caminho de suas estradas. No entanto, colinas e serras não estão apenas colocadas no solo, como eu disse. São moradas de espíritos criadas por *Omama!* Mas essas palavras que os brancos não compreendem. Pensam que a floresta está morta e vazia, que a natureza está aí sem motivo e que é muda. Então dizem para si mesmos que podem se apoderar dela para saquear as casas, os caminhos e o alimento dos *xapiri* como bem quiserem! Não querem ouvir

---

<sup>3</sup> Para a cosmovisão Yanomami, os *xapiri*, são seres/entes/espíritos benéficos que protegem os humanos e seus filhos por mais numerosos que sejam, são seres que protegem a floresta, as águas e afastam os perigos, as fumaças de epidemias *xawara* para que não sejam atingidos os seres humanos para não deixar que se transforme tudo em caos. Nas palavras do xamã, os cuidados dos *xapiri* são: “segure o céu para que não desabe. Não deixem os raios caírem na terra e acalme a gritaria dos trovões! Impeça o ser tatu-canastra *Wakari* de cortar as raízes das árvores e o ser do vendaval *Yariporari* de vir flechá-las e derruba-las! Essas foram as palavras que *Omama* deu ao filho. Por isso, até hoje os xamãs continuam defendendo os seus e a floresta. Mas também protegem os brancos, apesar de serem outra gente, e todas as terras, até as mais imensas e distantes”. (Kopenawa, 2015, p. 85-86).

nossas palavras nem as dos espíritos. Preferem permanecer surdos. (p. 475- 476).

A surdez a que o grande xamã se refere pode ser associada a negação da sociedade das mercadorias em reconhecer a terra como um organismo vivo e provedora da vida e da fertilidade, como escreve Camila Salles de Faria (2020) citando o grande xamã Yanomami:

(...) a terra está viva e guarda a memória de todos nós! Esses conteúdos são reforçados por Davi Kopenawa ao afirmar que – sei apenas que a terra é mais sólida do que a nossa vida e que não morre. Sei também que ela nos faz comer e viver. Não é o ouro, nem as mercadorias, que faz crescer as plantas que nos alimentam e que engorda as presas que caçamos! (p.210).

A sabedoria em reconhecer a vivacidade da terra e da natureza está ligada intimamente ao ser indígena e a sua ligação transcendente com as gerações que a antecederam e que ainda virão, como completa a autora:

a terra é, assim, entendida como um elemento comum da natureza, que lastreia o sentimento de pertença de seus habitantes; é ocupada coletivamente, está ligada à produção e à reprodução da cultura do indígena e do próprio indígena; e concebe-se como sagrada e dádiva. A compreensão de que algo foi doado (presenteado) realiza-se impreterivelmente no uso pleno, que não pode ser adquirido monetariamente, pois o presente traz uma parte do presenteador (espíritos protetores, divindades ou deuses), uma relação de reciprocidade, o que por sua vez, também explica de que a terra é sagrada. (Faria, 2020, p. 201-211).

Nessa perspectiva, a propriedade privada capitalista é rejeitada como fundamento de vida pelas culturas indígenas. Essa concepção é provocada por A. Krenak (2020), para quem a metáfora da queda ao abismo representa o momento de interrupção de um estado de prazer insaciável e incansável. Em outras palavras, é a cessação do gozo e deleite eterno prometidos pelo capitalismo, cujos pilares fundamentais são o fetichismo da mercadoria e a propriedade privada dos meios de produção, os quais servem para alienar e anestesiar o frenesi egoísta e dilacerador dessa sociabilidade.

Por isso, para as mercadorias virem ao mundo, escreve Paulo Godoy (2023):

para vir ao mundo, para existir como mercadoria, essas coisas pressupõem uma forma social específica de produção e um modo de representação correspondente à especificidade dessa forma social. A apresentação e a representação das relações sociais que estão submetidos os agentes ligados a produção, a circulação e as trocas de mercadorias encontram-se (...), envoltas a um espesso véu de mistificações que revela na “superfície da sociedade”, o caráter invertido da realidade e a espúria e necessária exigência ideológica de “mediação das formas irracionais”. (p. 341-342)

Essa forma social específica pressupõe permanentemente o processo histórico de separação formal e real entre os produtores direto e seus meios de produção. Como explica Paulo Godoy (2020, p. 341), para compreender o método do capital e entender sua forma social específica, requer um entendimento de como as relações sociais são *apresentadas e representadas* e como essas relações são submetidas aos agentes ligados a produção e a circulação, portanto, nessa interação contraditória e invertida, a realidade da sociedade das mercadorias passa por tal grau de mistificação que exige necessariamente uma *mediação das formas irracionais*. Assim, de acordo com P. Godoy (2020):

Com efeito, nos mostra, que a sua aparência simples e trivial não passa de ocultação ou apagamento de sua unidade interna constituída por polos opostos e contraditórios entre valor de uso e o valor, entre o trabalho concreto e trabalho abstrato, entre capital variável e capital constante, etc.” (p. 342).

Esse mundo das mercadorias invertido e cheio de mistificação é a humanidade que acreditamos ser. Por isso, no mundo das mercadorias, o que se torna de fato universal é a separação formal e real dos produtores diretos e os seus meios de vida mediante o esbulho e a consolidação da propriedade privada e a crescente produção de mercadorias. Nas palavras do autor:

[...] a concentração e centralização do capital, desdobram-se em inúmeros processos mediadores que são acompanhados, tanto na dimensão concreta da práxis social quanto pelas formas de expressão e de representação desses processos em seus nexos singulares que caracterizam o fetichismo da produção de mercadorias e, portanto, a especificidade histórica das relações entre a força de trabalho e o capital. (Godoy, 2020, p. 342).

Por essa direção que encaminhamos a provocação de A. Krenak (2020), ao desestabilizar o nosso chão e reconhecer que o fim do mundo pode ser interpretado como sendo a nossa alienação e, a queda no abismo, pode ser compreendida como a possibilidade de retornarmos ao seio fértil e acolhedor da mãe Terra, escreve o autor:

O fim do mundo talvez seja uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder. Parece que todos os artifícios que foram buscados pelos nossos ancestrais e por nós têm a ver com essa sensação. Quando se transfere isso para a mercadoria, para os objetos, para as coisas exteriores, se materializa no que a técnica desenvolveu, no aparato todo que se foi sobrepondo ao corpo da mãe Terra. (p. 60).

Por conseguinte, a efetivação histórica do mundo invertido das mercadorias, tem a sua “razão” alicerçada na propriedade privada, no esbulho e no massacre. A inversão vem justamente da necessidade de ocultar a destruição e a sórdida acumulação incessante. Por isso, é nas ruínas e escombros da barbárie da “civilização” em que se firma a humanidade

capitalista, a “ordem e o progresso” são mediações aniquiladoras das vidas humanas e também das vidas de todos os seres dessa nave inorgânica.

Portanto, a humanidade que acreditamos ser é a própria barbárie em curso e que só quer ver o próprio espelho invertido do mundo das mercadorias. Nesse sentido, citamos o que ensina K. Marx nos Cadernos de Paris, nos idos de 1844, ao estudar a “A pilhagem recíproca” ajuizada pela economia política, afirma o filósofo alemão:

(...) Enquanto ser humano, tu não tens nenhuma relação com meu objeto, porque eu mesmo não tenho nenhuma relação humana com ele. O verdadeiro poder sobre um objeto é o meio; por isto, consideramos reciprocamente o nosso produto como o poder que cada um de nós possui sobre o outro e sobre si mesmo- nosso próprio produto se voltou contra nós mesmos: parecia ser propriedade nossa, mas, na verdade, nós somos a sua propriedade. Estamos excluídos da verdadeira propriedade porque a nossa propriedade exclui todos que não nós mesmos. (p.220, 2015).

Assim, o mundo das mercadorias e as relações sociais capitalistas no seu processo histórico é a negação do humano, e, por assim dizer é a exclusão do próprio sujeito em sua plena realização e fruição enquanto tal. Mas, na contramão dessa “humanidade”, haveríamos de produzir realmente como seres humanos e (...) “cada um de nós haveria se afirmado duplamente na sua produção: a si mesmo e ao outro” (Marx, 2015, p.221). Nessa direção para enfrentar o véu de mistificação que envolve a sociedade das mercadorias e renunciar a brutal humanidade, a verdadeira produção humana estaria embasada, como pontua Marx (2015):

1º) Na minha produção, eu realizaria a minha individualidade, a minha particularidade; experimentaria trabalhando, o gozo de uma manifestação individual da minha vida e, contemplando o objeto, a alegria individual de reconhecer a minha personalidade como um poder real, concretamente sensível e indubitável. 2º) No teu gozo ou na utilização do meu produto, eu desfrutaria da alegria espiritual imediata, através do meu trabalho, de satisfazer a uma necessidade humana, de realizar a essência humana e de oferecer à necessidade de outro o seu objeto. 3º) Eu teria a consciência de servir como mediador entre si e o gênero humano, de ser reconhecido por ti como um complemento do teu próprio ser e como uma parte necessária de ti mesmo, de ser aceito em teu espírito e em teu amor. 4º) Eu teria, em minhas manifestações individuais, a alegria de criar a manifestação da tua vida, ou seja, de realizar e afirmar, na minha atividade individual, a minha verdadeira essência humana [*Gemeinwesen*]. (p.221, 222).

Por isso, na sociedade da mercadoria a valorização do capital é o significado da perda da essência humana é expressão concreta e visível da impotência do ser diante de si mesmo e de sua inumanidade como expressão real.

Mas, ao contrário como seria? Poderia ser a afirmação de nos lançarmos a um abismo de que nos desafiou A. Krenak e reconhecer a nossa ignorância e surdez diante do mundo invertido das mercadorias nas profundezas da inumanidade capitalista.

Esse abismo abriga em suas mais recônditas frestas as vozes dos oprimidos, numa versão benjaminiana, ao colocar em questão a inversão do mundo invertido e indagarmos a razão da humanidade que acreditamos ser, a sensação de queda e do salto mortal é irrefutável. Seria mesmo o fim do mundo? E ao titubearmos na questão exclamaríamos: é mais fácil acabar o mundo, do que ver o fim do capitalismo! Se não soubéssemos que o capitalismo é a sua própria cova.

Por isso, o salto abismal para a fruição plena de nossas vidas está no levante contra essa sociabilidade desumana, e, a inspiração para essa luta vem dos sujeitos em seus territórios, vem das anciãs como a liderança Kaiowa Damiana, a quem abrimos o texto para rememorá-la. Nas lições deixadas, nas palavras de amor e resistência, a centelha de esperança vive e ferve, com tamanha potência que a nossa embriaguez e visão turva provocada pelo fetichismo da mercadoria não pode ofuscar o clarão de luz que ilumina a escuridão da história

Nesse caminho, faz-se ecoar as palavras de W. Benjamin (2012), em uma de suas teses sobre o conceito de história, em que a empatia com os oprimidos faz ressoar seu grito, a renúncia com os vencedores e algozes da civilização e do progresso, tem na tradição dos oprimidos a vitalidade de rememorar os ingloriosos. Nas palavras do autor:

Se assim é, então existe um encontro secreto marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Então, alguém na terra esteve à nossa espera. Se assim é, foi-nos concedida, como a cada geração anterior a nossa uma *frágil força messiânica* para qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso. (p. 242).

Assim, a tradição dos oprimidos tem em sua chama a herança viva que arde a trama da resistência. Essa trama encontra tecida por um emaranhado de gerações do *passado-vivo* que insiste em nascer.

## PALAVRAS FINAIS: PARAQUEDAS COLORIDOS E UM CONVITE A SER SELVAGEM

Para finalizar o texto, o que queremos reivindicar é que, as lutas dos povos indígenas, das comunidades tradicionais, quilombolas, dos povos das florestas e dos biomas são expressões das alternativas concretas contra a sociabilidade capitalista. Por isso, vale resistir e bradar pelas diversas humanidades que herdamos. E que se colocam na contramão do massacre da vida. Ao abrirmos com a foto da liderança indígena Damiana queremos assim, rememorar os sujeitos históricos que deram suas vidas para lutar contra essa sociabilidade desumana da valorização capitalista, e é esse o “encontro secreto marcado entre as gerações” da qual escreve W.Benjamin (2012).

Essa força anunciada é a que nos faz criar e abrir em plena queda abismal os “paraquedas coloridos” de que nos fala A. Krenak (2020), que não nos basta evitar a queda, mas, talvez (...) “inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos. Já que aquilo que gostamos é gozar, viver no prazer aqui na Terra” (Krenak, 2020, p. 63).

E nesse interim, podemos perguntar de que lugar se projetariam os paraquedas? “Do lugar onde são possíveis as visões e os sonhos. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho.” (KRENAK, 2020, p.65). Mas, o sonho que se refere o intelectual, não é o sonho banalizado, é o sonho partilhado e potente que pode fazer crescer um verdadeiro mundo outro. Um mundo e uma humanidade que saiba admitir a natureza como uma,

imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos partes de tudo. (...) Esse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou de fora da gente como ‘natureza’, mas que por alguma razão ainda se confunde com ela. Tem alguma coisa dessas camadas que é quase-humanas: uma camada identificada por nós que está sumindo, que está sendo exterminada da interface de humanos muito-humanos. Os quase-humanos são milhares de pessoas que insistem em ficar fora dessa dança civilizada, da técnica, do controle do planeta. E por dançar uma coreografia estranha são tirados de cena por epidemias, pobreza, fome, violência dirigida. (69-70).

Por fim, reconhecer as várias e possíveis humanidades é fazer crescer a vida, nos unir para lutar e realmente proteger a imensa natureza e nos tornar selvagens, eis o grandioso convite desse encontro! Como nos ensina Jerá Guarani (2019):

Gosto de chamar mais pessoas para serem selvagens. O nosso planeta, do jeito que está, está sofrendo muito, está chorando, está gritando, e, por estarmos integrados com ele, vamos ter que começar a viver, a ver, a saber e a ter que enfrentar muitas coisas negativas também. Fumo cachimbo, faço fogo no chão, cozinho, durmo e acordo com a cantoria dos passarinhos, e tudo isto é tão simples, mas é tão bonito, tão lindo, tão importante. (p.5).

Em memória de todas as pessoas lutadoras que se colocaram em pé contra esse mundo invertido das mercadorias e da destrutibilidade capitalista, seguimos a nossa caminhada!

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura.** Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas v. II).

FARIA, Camila Salles de. **Apropriação, propriedade e vivência. Contradições e conflitos nas relações sociais com a terra.** In: Marx, a Geografia e a Teoria Crítica. [org.] CONCEIÇÃO, A.L; CARLOS, A.F.A; SOUSA NETO, M.F; DEL GAUDIO, R.S. Rio de Janeiro/; Consequência, 2023.

GODOY, Paulo. **As metamorfoses da mercadoria e as “mediações das formas irracionais”.** In: Marx, a Geografia e a Teoria Crítica. [org.] CONCEIÇÃO, A.L; CARLOS, A.F.A; SOUSA NETO, M.F; DEL GAUDIO, R.S. Rio de Janeiro/; Consequência, 2023.

GUARANI, Jerá. Tornar-se selvagem. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 14, p. 12-19, jul. 2020. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/tornar-se-selvagem/>. Acesso em: 29 mar. 2024.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã.** Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Aíton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARX, Karl. **Cadernos de Paris; Manuscritos econômicos-filosóficos.** Tradução: José Paulo Neto e Maria Antônia Pacheco. São Paulo: Expressão Popular, 2015.